



JAPÃO / Yoshihide Suga desiste de concorrer à eleição interna do governista Partido Liberal Democrata, o que implica no abandono do cargo de primeiro-ministro. Decisão causa surpresa em Tóquio e ocorre em meio aos Jogos Paralímpicos

Premiê renuncia por “fracasso” na pandemia

» RODRIGO CRAVEIRO

A insatisfação pessoal com a resposta à pandemia da covid-19 levou o primeiro-ministro japonês, Yoshihide Suga, a desistir de comandar o seu Partido Liberal Democrata (PLD) nas eleições internas de 29 de setembro. Com a decisão, ele também deixará o cargo de premiê. “Quero me concentrar nos esforços para combater o coronavírus, e é por isso que não vou concorrer às eleições”, afirmou Suga. “Percebi que não poderia fazer as duas coisas; tive que escolher”, acrescentou o chefe de governo, em referência ao combate à pandemia e aos esforços pela reeleição no PLD. A opção de Suga foi anunciada aos líderes de seu partido e provocou um terremoto político em Tóquio, a dois dias do fim da Jogos Paralímpicos.

“Honestamente, estou surpreso”, reagiu Toshihiro Nikai, número dois do PLD. “É realmente lamentável, mas ele fez o que acreditava ser melhor, após uma longa reflexão”, acrescentou. Suga foi alçado à chefia de governo em 14 de setembro de 2020, depois da renúncia do primeiro-ministro Shinzo Abe, acometido por problemas de saúde. Segundo a agência de notícias France-Press (AFP), como não existe nenhum outro partido capaz de rivalizar com o PLD (direita nacionalista), o novo líder da legenda será quase que automaticamente nomeado primeiro-ministro.

Subdiretora do Programa de Liderança Estratégica EUA-Japão do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos (CSIS, em Washington), Yuko Nakano explicou ao *Correio* que existiam indícios de que Suga enfrentava uma batalha árdua, incluindo a contínua tendência de queda do índice de aprovação do gabinete, o aumento nos casos de infecção pela covid-19 e a derrota nas eleições locais. “Além disso, muitas das fac-

» Eu acho...



Yoshihide Suga na chapa levaria a uma batalha muito dura na eleição da Câmara Baixa. O anúncio de que ele não disputará a reeleição surpreendeu muitos japoneses.”

Yuko Nakano, subdiretora do Programa de Liderança Estratégica EUA-Japão do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos (CSIS, em Washington)

ções dentro do PLD não puderam anunciar o apoio à reeleição de Suga como presidente do partido, embora os líderes delas tivessem expressado, anteriormente, apoio ao premiê”, admitiu.

Nakano lembrou que somente o ex-chanceler Fumio Kishida (veja quadro) anunciou sua candidatura, enquanto outros se abstiveram de fazê-lo, enquanto se esperava que Suga se postulasse à reeleição. “Agora, o cenário político mudou. Taro Kono, ex-ministro das Relações Exteriores e da Defesa sob o governo do premiê Shinzo Abe, atualmente na supervisão do programa de imunização contra a covid-19, está considerando se participará da disputa. Outros nomes incluem os ex-ministros Shigeru Ishiba (Defesa) e Sanae Takaichi (Comunicações). É preciso superar 20 coadjuvantes para ser nomeado candidato, o que é um grande obstáculo”, disse a estudiosa. “Nós esperamos ver muitos movimentos até 29 de setembro. Os candidatos à posição de liderança do PLD apresentarão formalmente a candidatura até 17 de setembro,

Kazuhiro Nogi/AFP



» Prováveis sucessores

QUEM SÃO OS POTENCIAIS NOMES PARA OCUPAR O CARGO DO PARTIDO LIBERAL DEMOCRATA (PLD), APÓS AS ELEIÇÕES DE 29 DE SETEMBRO



Fumio Kishida, o moderado
Aos 64 anos, foi o primeiro, e até o momento o único, a anunciar oficialmente sua candidatura à presidência do PLD. Ex-ministro das Relações Exteriores (2012-2017), considerado pouco carismático e favorito do então primeiro-ministro Shinzo Abe, disputou a última eleição interna do PLD há um ano, que terminou com a vitória de Suga. A condição de “moderado” o coloca como favorito.



Taro Kono, o comunicativo
Ex-ministro das Relações Exteriores (2017-2019), da Defesa (2019-2020) e atualmente titular da pasta da Reforma Administrativa, Taro Kono, 58 anos, é um usuário entusiasta do Twitter. Sua conta em japonês é seguida por 2,3 milhões de assinantes. Formado pela prestigiosa American University of Georgetown, ele se comunica confortavelmente em inglês, uma raridade no mundo político japonês. É apreciado pelos círculos empresariais e esteve à frente da campanha nacional de vacinação.



Shigeru Ishiba, o populista
Ex-ministro da Defesa (2007-2008) e especialista em assuntos militares, já ocupou outras pastas e foi secretário-geral do PLD entre 2012 e 2014. O ex-banqueiro de 64 anos tem o apoio da opinião pública, mas, dentro do seu próprio partido, alguns não apreciam as suas frequentes mudanças de lado e as suas declarações a portas fechadas. Como Kishida, Ishiba foi um candidato na eleição interna anterior do PLD em setembro de 2020.

quando a campanha oficialmente começará.”

A decisão de Yoshihide Suga, 72 anos, lembra as adotadas por outros chefes de governo ante-

riores. Segundo a AFP, o premiê era considerado o principal nome para comandar o partido por mais um mandato, ainda que as pesquisas apontassem

um aumento de sua impopularidade. No fim de agosto, tinha apenas 26% de opiniões positivas, apontou o jornal *Mainichi* — um recorde negativo.



Quero me concentrar nos esforços para combater o coronavírus, e é por isso que não vou concorrer às eleições”

Yoshihide Suga, primeiro-ministro do Japão

Covid-19

O prestígio político de Suga foi afetado após decisões durante a gestão da pandemia da covid-19, pelas quais o premiê recebeu muitas críticas. Nos últimos três meses, o Japão registrou índices altos de casos da doença, chegando a 20 mil diários. O primeiro-ministro foi lento na implementação de uma campanha de imunização e chegou a decretar estado de emergência em várias oportunidades. A decisão de não adiar a Olimpíada e os Jogos Paralímpicos também custou-lhe popularidade — a maioria da população japonesa se opunha à realização dos eventos.

Experiente e pragmático, Suga não descuidou do impulso econômico obtido durante a gestão de Abe. Também manteve foco nas questões ambientais e preservou a diplomacia do antecessor. Filho de um fruticultor e de uma professora, Suga foi criado na zona rural de Akita, no norte do Japão, e trabalhou em uma fábrica para custear os próprios estudos. A carreira política começou em 1987, quando foi eleito membro da Câmara Municipal de Yokohama e ingressou no Parlamento em 1996.



Conexão diplomática

por **Silvio Queiroz** silvioqueiroz.df@gmail.com

Verdes na agenda do Brasil 2022

Dentro de três domingos, contados a partir de amanhã, os alemães vão às urnas para decidir quem sucederá a chanceler Angela Merkel depois de 16 anos à frente do governo em Berlim. Na reta final da campanha, as pesquisas de opinião recomendam cautela sobre o que virá depois de 26 de setembro. Uma coisa, porém, é certa: o próximo gabinete terá como componente inevitável o partido dos Verdes.

A sondagem publicada ontem no site da revista *Der Spiegel*, a principal do país, mostra o Partido Social Democrata (SPD) à frente, pela primeira vez desde 2005, quando Merkel, da União Democrata Cristã (CDU), conquistou o primeiro dos quatro mandatos como chefe de governo. Com 25% das intenções de voto, a legenda herdeira de Karl Marx meio que renasce das cinzas e supera, por três pontos percentuais,

a grande rival do pós-Segunda Guerra. Terceiro colocado, com 18%, o partido ecopacifista nascido das manifestações dos anos 1980 contra armas e usinas nucleares é parceiro incontornável para qualquer dos dois *volksparteien* (“partidos populares”, como são chamadas na Alemanha as siglas com peso eleitoral para comandar um gabinete).

Clima em alta

A presença dos ecopacifistas no primeiro degrau do cenário político-eleitoral traduz em votos e mandatos uma tendência consistente no pensamento da sociedade alemã. Os Verdes se insinuaram no Bundestag (parlamento federal) em 1983, na esteira de uma campanha (derrotada) contra a instalação no país de novas baterias de mísseis nucleares americanos, no marco da Guerra Fria contra a hoje extinta União Soviética.

Em 1998, ingressaram pela primeira vez no governo federal como sócios menores do SPD, com o então chanceler Gerhard Schröder. Entre altos e baixos, consolidaram a posição de “terceira via” entre as forças convencionais de direita e esquerda. Chegaram a liderar as pesquisas de opinião, no ano passado,

quando Merkel, que os alemães chamam de *Mutti* (“mamãe”), confirmou a aposentadoria.

Denominador comum

A trajetória da chanceler na questão ambiental, particularmente nas medidas de enfrentamento ao aquecimento global, ilustra fielmente a adesão em massa da sociedade alemã à causa. Mais importante: a liderança natural do país no continente fez do meio ambiente um parâmetro central e incontornável em toda a ação diplomática da União Europeia.

Cenário eleitoral imediato à parte, é certo que o tema estará também no centro da campanha presidencial do ano que vem na França, que compõe com Berlim a dupla dinâmica na condução política e prática da UE. Candidato à reeleição, mas longe de ter uma posição segura, o presidente Emmanuel Macron, autodenominado centrista, não hesitou em abraçar a agenda ecológica da vizinha.

Mercosul na berlinda

Da perspectiva da diplomacia brasileira, o período de pouco mais de seis meses que separa as eleições na Ale-

manha e na França coincide com os preâmbulos da disputa presidencial de outubro de 2022, quando Jair Bolsonaro deve tentar a reeleição — quase certamente, tendo como principal adversário o ex-presidente Lula. Paralelamente à agenda política, de ambos os lados do Atlântico, corre o processo de ratificação do acordo comercial fechado em 2019 entre a UE e o Mercosul.

Com a mira no peso crescente dos ecovotos, é certo que os grandes partidos alemães e franceses terão no centro da campanha e dos programas de governo a política para as mudanças climáticas. E, nesse capítulo, queimadas e desmatamento na Amazônia têm sua incidência potencializada: o ambiente político europeu é hospitaleiro a propostas que apontem para condicionar a ratificação da área comercial UE-Mercosul a medidas concretas e verificáveis de preservação da floresta.

Com quem anda

Tanto Merkel quanto Macron — o francês mais claramente — já fizeram declarações públicas nas quais sugeriram que as atitudes quanto ao tema ambiental, do lado de cá, são um critério basilar, do lado de lá, para consagrar e colocar em prática a área de lí-

vre-comércio mais populosa do mundo. E a boa-vontade para com o Brasil, em especial, marchou bastante desde a posse de Bolsonaro.

Ainda em campanha, o presidente manifestou preferência clara pela relação bilateral com os EUA de Donald Trump. Nos primeiros dois anos de mandato, com o olavista Ernesto Araújo à frente do Itamaraty, a opção ganhou corpo como política externa. Com direito a desentendimentos de ordem pessoal com o presidente francês.

A derrota de Trump nas urnas, em 2020, e a chegada do democrata Joe Biden à Casa Branca deixaram o Planoalto ainda mais solitário, particularmente na agenda ambiental. O novo presidente americano tem arestas a aparar com os aliados europeus, inclusive no que diz respeito ao fiasco político-militar no Afeganistão. Mas, até por isso, investe firme na crise climática como frente diplomática propícia a costurar afinidades e descoser ranhuras.

Intervalo

Começo aqui um período de férias. A *Conexão* retorna no primeiro sábado de outubro. Até lá, meu reconhecimento aos leitores e interlocutores.